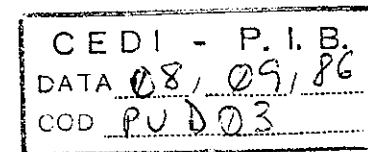


- Capitalismo no Campo. *Capital e Trabalho no Campo*, São Paulo, Ed. Hucitec.
26. SILVA, J.F. Graziano da (Coord.). 1978. *Estrutura Agrária e Produção de Subsistência na Agricultura Brasileira*, São Paulo, Ed. Hucitec, 26 p.
 27. SINGER, P. e F. MADEIRA, 1973. Estrutura do emprego e Trabalho Feminino no Brasil: 1920-1970. *Cadernos CEBRAP*, São Paulo, 13: 1-62.
 28. UNESCO. 1975. *O Correio*. maio, ano 3, nº 5, 36 p.
 29. UNESCO. 1975. *O Correio*. outubro/novembro, nº 10-11, 72 p.
 30. WANDERLEY, M. de Nazareth B. — 1976. Algumas reflexões sobre o campesinato do Nordeste: conceito e realidade. *Revista Ciência e Cultura*. São Paulo, 29: 537-544.



A ÚLTIMA DIMENSÃO INDÍGENA DOS PANKARARÚ DE ITAPARICA, PERNAMBUCO

Orlando SAMPAIO SILVA (*)

Com a futura construção da barragem de Itaparica, constata-se que dois grupos indígenas serão afetados pelo complexo das obras do reservatório. Os índios Pankararú têm seus aldeamentos localizados à jusante do eixo da barragem, às proximidades do Rio São Francisco, no Estado de Pernambuco, enquanto os índios Tuxá habitam à montante do mesmo eixo, em área a ser inundada junto à cidade de Rodelas, no Estado da Bahia.

Este artigo se reporta exclusivamente ao grupo indígena Pankararú, tendo em vista a localização do acampamento de obras próximo ao local da construção da barragem, portanto em área vizinha à reserva do referido grupo.

A possibilidade de vir a instalar-se uma comunidade urbana em terreno contíguo ao do território dos Pankararú fez surgir a necessida-

(*) Consultor para assuntos antropológicos da CHESP/HIDROSERVICE. Pesquisa patrocinada pela Cia. Hidrelétrica do S. Francisco/HS.

de de uma caracterização sócio-cultural do grupo indígena, a partir de uma abordagem em Antropologia. O presente estudo tem um caráter preliminar e exploratório, e, dada esta característica, orienta-se exclusivamente para fins práticos⁽¹⁾.

Os Pankararú habitam em uma reserva indígena, sob a administração da Fundação Nacional do Índio — FUNAI, que mantém no interior da área reservada um Posto Indígena com seu equipamento assistencial, um administrador e outros funcionários no exercício de suas funções.

1. *A tribo dos Pankararú*

Indagados sobre o passado histórico de sua comunidade, os informantes se mostraram detentores de poucas reminiscências sobre as origens de seu agrupamento tribal, apesar de entre eles se encontrarem elementos responsáveis pela preservação das tradições tribais, tais como o cacique e o pajé. Referiram ao fato de terem habitado, no passado, no Colégio. Outros informaram que entre eles há elementos provenientes do Brejo do Burgo, situado não muito longe de Paulo Afonso, para onde também teriam emigrado alguns Pankararú em época mais recente.

De Tacaratu e do Brejo do Burgo teriam os Pankararú se transferido para o Brejo dos Padres, vale em que se encontram atualmente, "porque aqui há sempre água que sai de várias fontes no serrote, mesmo quando há seca no sertão", disse um informante. Os Pankararú habitam em um vale de grande beleza paisagística, apresentando aparentemente boas condições de fertilidade, situado nas vertentes da serra de Tacaratu, no Estado de Pernambuco.

Estevão (1943: 158-9) assim se pronuncia sobre a formação histórica da atual comunidade dos Pankararú: "Nesse vale, tão belo quanto fértil, e que fica situado entre Itaparica e Tacaratu, vivem, atualmente, remanescentes de tribos filiadas a vários grupos indígenas, ali outrora reunidos por influência da catequese religiosa. Pelo menos, foi essa a impressão que me deixou o estudo por mim realizado naquele Brejo".

(1) Pesquisa realizada na reserva dos Pankararú em setembro de 1975.

... "Dizem os atuais habitantes daquele vale que foram os "Pankararu", do antigo "Curral dos Bois", hoje "Santo Antônio da Glória", na Bahia, os primeiros indígenas que ali estabeleceram aldeamento". ... "Em seguida de acordo ainda com a tradição ali corrente, dois padres, vindos também do lado da Bahia, chegaram ao "Brejo", e neste, construindo uma pequena capela, ficaram habitando com os "Pankararu". Como a estes indígenas de "Curral dos Bois" reuniram-se povos de outros lugares, não obtive informações seguras. O que simplesmente me informaram foi que, depois daqueles índios, chegou ao "Brejo" gente da "Serra Negra", "Rodelas", "Serra do Urubá", "Águas Belas", "Colégio" e "Brejo do Burgo". Todavia, repito, penso que a reunião de povos pertencentes a grupos tão diversos naquele vale, resultou da Missão que nele existiu em épocas remotas"... "Além dos "Pankararu", há, na aldeia, reminiscências de índios chamados "Macarus", "Geripancós", e "Quaçás" ou "Ituaçás". Estes últimos vindos da Serra Negra, segundo, dizem."

No que tange à sua filiação lingüística tradicional, os Pankararu perderam a memória de sua fala antiga, tornando-se incapazes de fornecer elementos elucidativos. Dizem com manifesta insegurança que falavam um dialeto Tupi. Tentou-se entrevistar o último representante vivo da comunidade tido como grande conhecedor da língua tradicional, o qual, às suas precárias condições de saúde, não pôde fornecer nenhum dado esclarecedor.

Todavia, pesquisadores que estiveram anteriormente no Brejo dos Padres negam a possibilidade de ser de filiação Tupi a língua tradicional que dominava nas relações interpessoais no passado. Pinto (1952: 296) assim se pronuncia: "Por sua cultura, todavia, ver-se-á que os Pankararu do Brejo dos Padres são, segundo parece, remanescentes dos Jês, embora, hoje em dia, já estejam bastante mesclados com muitos outros tipos filiados a grupos cultural-lingüísticos diferentes (tupis, negros e outros)". Por sua vez, Estevão (1943: 168) informa: "... se entre as tribos reunidas no "Brejo dos Padres" figurou, como parece, gente do grupo "Tupi", certo o elemento predominante não foi este".

Ribeiro (1957: 15) não filia a fala Pankararu ao tronco Tupi, nem ao Jê, classificando-a entre outros dialetos de filiação não conhecida, enquanto Melatti (1972: 50) coloca os Pankararu entre os "Grupos que deixaram de falar língua indígena".

2. A comunidade Pankararu de agora

Os Pankararu habitam em um território indígena localizado parte no município de Tacaratu e parte no município de Petrolândia, na região pernambucana do sertão do rio São Francisco, a 9° 4' de lat. S e 38° 19' de long. W. Grw., em uma altitude de 270 m⁽¹⁾, às proximidades da cachoeira de Itaparica.

Sob a denominação genérica "Pankararu" estamos considerando os habitantes da área reservada supra-indicada, que se auto-identificam como índios e são reconhecidos como tal pelos integrantes da sociedade nacional em seu escalão local, bem como são aceitos pela Fundação Nacional do Índio como integrantes de uma comunidade indígena, mantendo-os sob sua proteção tutelar⁽²⁾. Os integrantes da referida comunidade se auto-denominam "Pankarú", ao invés de "Pankararu" — como geralmente são indicados na bibliografia antropológica —, e se auto-referem como "cabôgos", expressão adotada com o mesmo significado de índio. A população brasileira da região

(1) Cf. Lowie (1946) e Pinto (1952).

(2) Neste artigo o conceito de índio adotado é o constante do Estatuto do Índio (Art. 3º da Lei nº 6.001/73), que assim dispõe: "Índio ou Silvícola — É todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional". Por sua vez, esta definição se baseia no conceito de indígena formulado por Ribeiro (1957: 35).

também utiliza a expressão "cabôco" (ou caboclo) como termo de referência para os Pankararú ou Pankarú. Lowie (1946: 561) refere-se a esse grupo indígena como "The Pancararu (Pankaru Pancaru)", e Lima (1946), como "Pancarú". Entretanto, Estevão (1943) e Pinto (1953), que estudaram essa comunidade indígena, a ela se referem como os "Pancararú", enquanto nas obras antropológicas que contém generalidades sobre os indígenas brasileiros (Galvão, 1960; Meilatti, 1972; Ribeiro, 1957) os integrantes desse agrupamento são referidos como os "Pankararú".

Os Pankararú integram a área cultural indígena Nordeste (Galvão, 1960: 8). Os indicadores genéticos aparentes desta população indígena — cabelos, forma dos olhos, estatura, cor da pele — indicam a ocorrência de intensa miscigenação com a participação de elementos étnicos indígenas, brancos e negros.

No interior da área reservada dos Pankararú habitam, além dos índios, diversas famílias de posseiros.

A população Pankararú oficialmente considerada pela FUNAI, através de seu Posto Indígena instalado na reserva, compõe-se de 2.564 pessoas. Esta população é predominantemente jovem, o que se constata ao verificar-se que mais da metade da população (55%) encontra-se nas faixas de 0 a 19 anos de idade e que o número de crianças é considerável, pois 27% da população estão com menos de 10 anos de idade.

Ainda considerando a população de ambos os sexos — de vez que a mão-de-obra empregada na agricultura pelos Pankararú inclui homens e mulheres —, verifica-se que 26% da população se encontram na faixa de 20 a 40 anos de idade e que mais da metade da população (56%) se localiza na faixa produtiva dos 14 aos 60 anos. Entre os Pankararú — como também ocorre em geral na população rural brasileira da região —, a participação nos trabalhos produtivos envolve efetivamente os adolescentes e os integrantes das faixas etárias mais velhas, sendo comum indivíduos com mais de 60 anos trabalharem cotidianamente nos roçados. Nota-se que a sobrevivência dos Pankararú

com idades avançadas é expressiva, com a ocorrência de 111 ^{de 2.564} ~~anos~~ (4%) cujas idades estão acima de 60 anos⁽¹⁾

Há indícios de que a população Pankararú se encontra em processo de crescimento demográfico. Apenas para ilustrar e utilizando os dados disponíveis, registrados aqui que, em 1957, Ribeiro (op. cit.) apontava para esse grupo indígena uma população de 1.500 a 2.000 indivíduos, enquanto o P. I. Pankararú registrava, em agosto de 1973, uma população de 2.508 pessoas e, dois anos depois, 2.564.

Ocupando uma área de 81 Km², a reserva dos Pankararú possui em seu interior diversos aldeamentos ou aglomerados de residências nos quais se distribui a população indígena. A aldeia em que está localizada a sede administrativa da reserva, o Brejo dos Padres, contém cerca da metade da população (1.245), estando o restante distribuído pelas outras 12 aldeias, com populações que variam de 21 a 220 indivíduos, conforme dados de agosto de 1973 fornecidos pelo P.I. Pankararú.

De acordo com os dados registrados no Posto Indígena, na reserva existe 826 residências, nas quais habitam 832 famílias indígenas (dados de agosto de 1975). A serem confiáveis esses dados, haveria uma média aproximada de 3 indivíduos por família, fato que merece uma verificação específica com o emprego de dados empíricos primários, de vez que essa média parece-nos demasiadamente baixa, mesmo levando em consideração que o Posto deve estar computando, naquele número de famílias, as famílias nucleares e não as extensas.

Habitando a aproximadamente 3 Km da cidade de Tacaratu, 15 Km da cidade de Petrolândia e 50 Km da cidade de Paulo Afonso, essa comunidade de agricultores indígenas, há séculos em contato com o "mundo dos brancos"⁽²⁾, com o qual estabeleceu relações econômicas e sociais pacíficas e duradouras, sobrevive em um estágio socioeconômico sob muitos aspectos indiferenciado do resto da população sertaneja local não indígena. É, entretanto, no âmbito da cultura que os Pankararú resguardam suas marcas características indígenas.

(1) Valemo-nos dos dados quantitativos fornecidos pelo Posto Indígena que administra a reserva. Julgamos que esses dados devem ser testados através de um levantamento censitário realizado no interior do território indígena, trabalho que nos pareceu não ser feito mensalmente pelo Posto.

(2) O uso dessa expressão para identificar a sociedade nacional constituída dos não-índios, foi consagrada por Oliveira (1964).

3. Traços sócio-culturais

3.1 — Auto-identificação étnica

Se em um passado relativamente recente ainda era possível a fácil identificação de diferentes grupos tribais que teriam se deslocado para o Brejo dos Padres formando uma grande comunidade indígena e multicultural sob a administração de missionários católicos, no presente a comunidade aparentemente apresenta-se cultural e socialmente unificada, em um grande e complexo processo de aculturação. Todos os índios com os quais entramos em contato se auto-identificaram e identificaram a comunidade global que habita na reserva indígena como "Pankarú" (1).

É admissível supor-se que nessa comunidade ocorreu a predominância cultural e política do povo Pankararú sobre os demais. Porém, nossa hipótese é de que, dadas as circunstâncias da convivência pacífica em que viveram aqueles grupos no Brejo dos Padres, sob o trabalho catequético missionário, ocorreu um processo de mútuas doações e recepções de traços e padrões sociais e culturais, que circularam ampla e continuamente na comunidade ao longo de muitas décadas, produzindo um complexo cultural único e diferenciado do qual participa toda a comunidade dos dias presentes.

(1) A FUNAI também denomina "Pankararú" a comunidade indígena que tem sob sua assistência, na reserva visitada.

Desse complexo cultural provavelmente fazem parte os elementos provenientes das anteriores culturas particulares dos grupos indígenas que se amalgamaram no Brejo dos Padres, mas também elementos da cultura ocidental, face ao secular contato desses povos com os civilizados, desde o período colonial, e particularmente, ao trabalho dos missionários católicos.

3.2 — Língua

A única língua falada na comunidade indígena é o português, naturalmente com as marcas regionais, que são comuns ao linguajar de toda a população indígena e não indígenas da área.

Em seus rituais entoam cânticos com a articulação de sons que imitariam um antigo falar indígena; todavia os sons emitidos, se para os índios têm significado, particular nas diferentes fases dos cerimoniais, na realidade não se constituem na articulação de palavras inteligíveis, embora potencialmente possam sê-lo (1). Os informantes afirmaram que todos os Pankararú hoje desconhecem sua língua antiga, exceto um índio velho que, por seu estado de saúde deficiente, não é mais capaz de fornecer dados lingüísticos.

3.3 — Chefia

Os Pankararú estão unificados sob a liderança de um único chefe, a que denominam de "cacique", que detém o poder político no grupo, com as limitações decorrentes do fato de seu agrupamento se encontrar em uma reserva indígena sob a administração da FUNAI.

O funcionário que dirige o Posto Indígena Pankararú é referido pelos índios, inclusive pelo cacique, como "o chefe". Os índios se comportam em relação ao mesmo em atitudes de respeito e obediência características de uma situação em que o poder político, na esfera das responsabilidades funcionais-administrativas, é explicitamente exercido por aquele servidor com a subordinação consciente e voluntária dos indígenas.

(1) Consideramos conveniente a tentativa de proceder-se uma abordagem do problema por especialista em lingüística, num esforço de identificação e caracterização comparativa dos sons emitidos nos cânticos cerimoniais.

O cacique guarda sua autoridade no âmbito das atribuições mais estritamente indígenas, onde é aceito e prestigiado pela comunidade. É obedecido por toda a tribo em tudo que se refere às tradições indígenas. O cacique é conhecedor dos mitos e dos rituais tradicionais. Conhece as tradições de seu povo e é responsável pela manutenção dessas tradições na memória e nas práticas ritualísticas dos Pankararú.

Também interfere em questões de terra, conflitos entre índios e entre estes e posseiros, em casos de embriaguês alcoólica etc., e atua como um intermediário entre as aldeias e o chefe do Posto Indígena.

O cacique é escolhido por um grupo de índios constituído em "conselho". Este é formado por velhos e alguns índios mais moços, que, por estarem mais aproximados socialmente dos velhos por laços de confiança recíproca (o parentesco não é condição necessária de acesso a essa posição), estão sendo preparados para substituir os que morrem ou estão em decrepitude senil (1). Os integrantes do conselho são "pai de Praia".

É condição para um indivíduo ser escolhido cacique ser o mesmo detentor da cultura tradicional de sua tribo e ser reconhecido como tal pelo conselho dos velhos. Nossos informantes disseram não ser aquela função hereditária. Informaram, entretanto, que até um passado recente não havia esta figura no cenário social dos Pankararú. Havia, então, o pajé e um personagem teminino denominado "mãe-do-terreiro", considerada sábia, desfrutando de grande prestígio social, participando dos cerimoniais com grande liderança, oferecendo conselhos e orientação aos indivíduos que lhe procuravam e realizando previsões sobre o futuro próximo de sua sociedade. Com a morte da última mãe-de-terreiro de grande conceito, a função ficou praticamente vacante. O atual cacique é filho daquela última mãe-do-terreiro (1).

(1) Pinlo (1952: 298) narra de forma diferente o sistema de escolha do chefe indígena pelos Pankararú. Assim se pronuncia aquele autor: "Os cabocios do Brejo dos Padres vivem em um regime acentuadamente democrático. O luxava não é hereditário, mas eleito pela comunidade. Quando o chefe atinge a decrepitude, escolhe-se um substituto". A informação constante deste artigo se baseia nas narrativas que foram feitas pelos informantes índios.

(2) O status que foi destruído pelas antigas mães-do-terreiro, conforme as revelações que nos foram feitas por nossos informantes índios, parece indicar uma possível existência no passado tribal dos Pankararú de padrões matriarcais de liderança, hipótese que deverá ser testada no desdobramento dos estudos sobre o grupo.

O cacique atual foi eleito por aclamação pela comunidade dos Pankararú reunida na praça em frente ao Posto Indígena, na presença do então Presidente da FUNAI, conforme informação prestada pelo próprio cacique perante seu conselho, em entrevista coletiva. Foi escolhido pelo conselho e aclamado pelo povo. Apesar da participação incentivadora do Presidente do órgão protecionista, naquela aclamação, funcionários do P.I., bem como os informantes índios asseveraram que a FUNAI não interfere na escolha do cacique. O órgão protecionista confirma a escolha procedida pelos índios, reconhece seu papel e atesta sua condição de chefe para qualquer efeito perante a tribo e a sociedade nacional.

3.4. — Pajé

No grupo indígena Pankararú o pajé ocupa status muito próximo do cacique na hierarquia social. É a segunda pessoa em importância na escala de prestígio em que se distribuem os papéis sociais na sociedade Pankararú.

O pajé, de forma idêntica ao cacique, é guardião das tradições em todas as formas de suas manifestações. Conhece os mitos e é o responsável principal pelas festas indígenas tradicionais e pelos ritos cerimoniais. Além de dominar as técnicas e as seqüências dos rituais, o pajé é o encarregado de todas as providências práticas para que as festas e cerimônias se efetivem com êxito e brilhantismo, organizando o pessoal participante, os instrumentos musicais, os "cantadores", os trajes, as pinturas corporais, os lugares sagrados e secretos, os "terreiros", os alimentos e tudo mais necessário.

É também de sua atribuição a prática pessoal da medicina mágica indígena e da supervisão e orientação dessa prática por outras pessoas.

A função do pajé é hereditária, passando de pai para filho ou, na falta deste, para um parente próximo do pajé que faleceu, desde que o herdeiro seja considerado pelo conselho dos velhos em condições de conhecimento dos mistérios da função e de reputação para assumir. Procedida a escolha, o P.I. da FUNAI reconhece e confirma.

O atual pajé, homem de mais de 80 anos de idade, é filho do pajé anterior e neto do que antecedeu ao seu pai. Por estar com idade avançada, algumas de suas atribuições relacionadas com a promoção das festas e rituais foram transferidas para o cacique.

3.5 — Organização social

O estudo da organização social de um agrupamento indígena demanda um tempo relativamente prolongado do pesquisador junto ao grupo, oportunidade que não tivemos nos estudos preliminares que realizamos. Por seu turno, as influências sócio-culturais da sociedade nacional sobre a sociedade dos Pankararú se exercem de forma tão ampla e profunda, que aos próprios índios torna-se difícil distinguir hoje o que em sua organização social ainda é resíduo de seu passado tribal. A demorada observação do antropólogo é que permite a separação das duas estruturas.

Procurou-se obter dos informantes dados que permitissem identificar traços presentes da organização e da dinâmica sociais do passado. Suas respostas sempre negavam a sobrevivência dessas marcas antigas. Admite-se a hipótese de que a mistura de culturas indígenas e não indígenas que ocorreu na área levou os Pankararú à perplexidade atual ante o problema. Nossos informantes negaram expressamente a existência entre os Pankararú de metades exogâmicas, clãs, grupos de idade ou de qualquer outro tipo de origem indígena, regras de casamento ou de residência, enfim tudo que poderia representar em suas consciências a convicção de traços estruturais indígenas do passado. A única referência explícita que fizeram, através de simples narrativas voltadas para outros propósitos, foi a grupos cerimoniais e a grupos de trabalho familiar.

Deste modo, orientamos nossa investigação para a interpretação de seus rituais, porém em um plano bastante inicial, tendo-se tentado obter informações através de narrativas.

Assim foi que, entre os grupos cerimoniais, registramos os seguintes:

- a) os *Praías*, que integram o sistema dos *encantados*;
- b) os *padrinhos*, na festa do Menino do Rancho;

- c) os *coletores de umbu*, na Festa do Umbu;
- d) os *padrinhos* na Festa do Umbu;
- e) os *puxadores do cipó*, na festa do Umbu;
- f) os *dançadores*, na Festa do Umbu;
- g) os *cantadores*, e
- h) os *grupos musicais*, nas diversas festas⁽¹⁾.

Ao lado e de certa forma acima destes, há o grupo constituído pelo *conselho dos velhos*.

O puxamento do cipó, esporte cerimonial que se encaixa na Festa do Umbu (muito embora não seja parte integrante da mesma, conforme a interpretação de um dos informantes índios), por sua importância na vida da comunidade e pelo ritual que caracteriza sua realização, pareceu-nos ser indicador da existência, ainda que residual, da manifestação de uma possível divisão antiga do grupo em metades exogâmicas. Instalados a detalhar o significado mais profundo do cerimonial, diziam não existir qualquer outro significado relacionado com formas arcaicas de organização social do grupo Pankararú e que os grupos participantes se organizam apenas em função de morarem uns do lado do nascente e os outros do lado do poente⁽²⁾.

Estevão (1943: 160), estudando a Festa do Umbu, na década de trinta, assim se pronunciou: "estou muito propenso a acreditar que a orientação a que obedece a estrada onde se realiza aquela festa, tem por base uma organização sociológica de duas bandas exogâmicas, formada pelos filhos do "Sol" e da "Lua"... Em outro trecho, diz o mesmo autor: "Flechado" o "Umbu", o "Atirador" que isso consegue, pega imediatamente de um grosso, comprido e resistente cipó que ali já se encontra, e, arrastando-o ao lugar em que está a mãe, ou, na sua ausência, uma outra mulher pertencente à sua "banda", a ela o "entrega". Como se percebe, esse pesquisador "via" na organização ritual da Festa do Umbu reflexos da provável antiga estrutura de metades exogâmicas.

(1) Pinto (1952: 301) se refere à participação das "velhas cantadeiras" na Festa do Ajucá.

(2) O significado do puxamento do cipó expresso por nossos informantes será explicitado no item referente às festas indígenas, nesta comunicação.

De acordo com nossos informantes, o casamento entre os Pankararú atualmente obedece de forma sistemática aos usos, costumes e leis de nossa sociedade. Suas tradições estão esquecidas. As pessoas se casam segundo os ritos civis e religiosos, na Pretoria e na Igreja Católica.

Antecedendo ao casamento, ocorre o noivado com o pedido da mão da noiva pelo pretendente, ao pai daquela. Esse noivado, entretanto, é determinado por forças mágicas sobrenaturais, conforme a seguinte narrativa, que anotamos:

"O menino do rancho"

"O pai procura a noiva e as madrinhas, sendo estas duas, e os padrinhos, que podem ser muitos. O menino tem cerca de dez anos de idade. Os padrinhos são a defesa contra os que não querem o casamento, ou seja, os que aparecem mascarados — os Praiás. Estes representam o menino e os pais. Estes querem o casamento, mas fazem que não querem. Então há a luta para pegar o menino. No final, o menino é entregue aos pais e os três vão para o rancho — um santuário. É aí que uma força superior entra neles e mais tarde dá certo, eles casam. O rancho é um lugar escondido. Os meninos só são entregues depois de se alimentarem".

A terminologia de parentesco indígena está esquecida. Parece-nos que, em geral, os grupos familiares se constituem de famílias nucleares, nas quais os componentes e obrigações internas seguem as normas gerais da sociedade nacional brasileira em seu escalão local.

3.6 — Festas e rituais

As festas realizadas pelos Pankararú se dividem em dois grandes grupos: *festas religiosas* e *festas profanas*. As festas religiosas, por sua vez, subdividem-se em festas ou cerimônias indígenas tradicionais e em festas católicas. As festas religiosas realizadas pelos Pankararú dão bem a medida da inserção desse grupo indígena, concomitantemente, em dois universos culturais, o indígena e o "civilizado".

São as seguintes as festas indígenas tradicionais realizadas pelos Pankararú:

- a) Festa ou Corrida do Umbu, realizada nos meses de janeiro e fevereiro;
- b) Festa do Menino do Rancho, realizada ao longo de todo o ano;
- c) Festa do Mestre Guia, que se realiza logo após o término da Festa do Umbu;
- d) Puxamento do Cipó, que tem lugar logo após o flechamento do Umbu (1);
- e) Toré, dança cerimonial que, em geral, acompanha todas as demais festas (2).

À exceção da Festa do Mestre Guia e de alguns rituais mágicos e secretos realizados nas demais festas, aos quais apenas têm acesso os íntimos iniciados integrantes do *sistema encantado*, todas as demais festas contam com a participação geral da comunidade dos Pankararú, homens e mulheres, velhos e crianças.

O sistema encantado se constitui de uma congregação sacerdotal formada pelos Praiás. Estes são a própria presença dos ancestrais dos Pankararú em meio à sociedade Pankararú do presente. Os "encantados" são heróis míticos que deram origem à cachoeira de Itaparica, onde habitam, e que comandam a vida da sociedade dos Pankararú através dos Praiás integrados no sistema encantado (3).

- (1) Dois grupos de índios, um colocado do lado mais alto do terreno — nascente — e o outro, do lado de baixo — poente — realizam um esporte que consiste em puxarem um cipó, cada grupo para seu lado. No final da disputa, se o grupo que venceu foi o de baixo, o ano será bom, haverá abundância; se, ao contrário, os vencedores forem os de cima, a previsão é de um ano difícil para os Pankararú.
- (2) Os Pankararú dançam o Toré em apresentações públicas, que se têm realizado inclusive nas cidades vizinhas à reserva.
- (3) V., no item próprio, um mito dos Pankararú sobre a origem dos encantados e da cachoeira de Itaparica.

3.6.2 — Festas católicas

Estas, realizadas à maneira eminentemente popular e sertaneja, têm unidades em suas características rituais e em seus significados com as cerimônias e festas que têm lugar na sociedade inclusiva. É o caso, por exemplo, dos cultos e rituais messiânicos amplamente difundidos na região nordestina, e encontrados entre os Pankararú.

As festas e cerimônias católicas se podem subdividir em festas e cerimoniais ligados a um *catolicismo popular arcaico*, e festas e cerimoniais vinculados ao *catolicismo popular mais moderno*.

Nesta última categoria se inscrevem manifestações religiosas praticadas pelos Pankararú, tais como: a) Festa de Santo Antônio, b) Novena de São João, c) Novena de São Pedro, d) Comemorações da Semana Santa, e) Diversas romarias de culto a santos e líderes espirituais, tais como São Cosme, São Damião e o Padre Cícero.

Na categoria *catolicismo popular arcaico* se inscrevem os rituais dos *penitentes*, manifestação religiosa originária da Igreja Católica portuguesa e espanhola do período correspondente aos primeiros séculos da colonização portuguesa no Brasil.

Apenas alguns Pankararú integram o círculo dos *penitentes*, sendo este um movimento de caráter messiânico encontrado em todo o sertão nordestino. O grupo de penitentes Pankararú atua sob a liderança de um chefe responsável índio, o Decurião. No agrupamento dos Pankararú há dois grupos de penitentes, o dos homens e o das mulheres, um não admitindo a presença do outro em seus cerimoniais.

Os penitentes praticam a auto-flagelação. As manifestações de sua religiosidade são centralizadas principalmente na Semana Santa.

3.6.3 — Festas profanas

As festas profanas, não tendo cunho religioso indígena ou de qualquer outra religião do "mundo dos brancos", constituem-se de festas dançantes realizadas no interior da reserva nos mesmos moldes em que elas se efetivam fora da área indígena, em casas de sertanejos não índios.

3.7 — Sincretismo religioso

No passado os Pankararú foram assistidos por missionários católicos da ordem dos jesuítas, conforme nos informaram. Presentemente, não há missões atuando na reserva. O pároco de Tacaratu é o responsável pela assistência religiosa ao grupo.

Os índios se confessam católicos (1). Na realidade eles racionalizaram sua condição de índios em contato permanente e duradouro com a sociedade envolvente de não índios, no plano religioso, de modo a não sentirem nenhuma contradição ao integrarem dois mundos místicos distintos. Buscam unificar, em fusão sacral, as duas concepções religiosas, o que se depreende da seguinte explicação que nos foi dada por um informante índio:

"O sistema encantado não se aproxima de todas as pessoas. Ele é muito integrante do catolicismo. Se a pessoa não for chegada ao catolicismo, não acreditar em Deus e nas coisas de Deus, o sistema encantado não se aproxima daquela pessoa".

Evidentemente trata-se de uma confusão sincretico-religiosa pairando ao nível das racionalizações, em um esforço para eliminar contradições no plano de sua consciência ética (2).

3.8 — Pintura corporal

A pintura corporal com fins rituais ainda é conservada entre os Pankararú. No passado a pintura se estendia por todo o corpo. Presentemente, são pintados o rosto, o tórax, e os braços dos homens, enquanto as mulheres, apenas, o rosto e os braços, exclusivamente para a participação em cerimoniais (3).

(1) Ao indagarmos um índio sobre a religião tradicional de seu grupo, respondeu que se encontrava em suas festas indígenas. Informou-nos também que há na reserva raros índios filiados à comunidade evangélica Novas Tribos do Brasil, mas a maioria católica não admite a entrada na reserva dos missionários protestantes.

(2) Idêntica posição é encontrada em indivíduos que pertencem a comunidades urbanas e que professam e participam de sistemas religiosos distintos, tais como catolicismo-umbanda, catolicismo-cardecismo e outros.

(3) Estevão (1943: 160) informa que a pintura corporal dos Pankararú é feita com o uso de "Tauá-Branco".

É freqüente o uso de cruzes pintadas no corpo e na região frontal, o que decorre da influência cristã em meio ao agrupamento.

3.9 — Habitações

Na reserva dos Pankararú não há mais casas que se possam classificar a rigor como estilisticamente de origem indígena. Todas as casas seguem os padrões arquitetônicos do ambiente rural brasileiro mais amplo em que a reserva está inserida.

Há casas de taipa muito pobres, casas de adobe e casas de alvenaria, sendo estas uma pequena minoria. Têm divisões internas e os pisos são de chão batido nas mais paupérrimas e cimentados nas de alvenaria.

As diferenças nos tipos de residências anteriormente ressaltadas se relacionam com um processo em andamento de estratificação da sociedade Pankararú em camadas sociais hierarquizadas quanto aos níveis econômicos em que a população se distribui.

Nota-se a ausência total de sanitários em todos os tipos de habitações.

3.10 — Artesanato

O artesanato dos Pankararú pode ser classificado em dois grandes grupos:

- a) Artesanato com fins utilitários e destinado à comercialização;
- b) Artesanato indígena com fins cerimoniais.

Os objetos produzidos que integram o primeiro grupo são utilizados no cotidiano da vida dos Pankararú, no interior da aldeia, e são comercializados amplamente pelos produtores em transações realizadas com o mercado de fora da reserva.

Esses objetos (exemplos: telha, tijolo, pote, cesto, chapéu, bolsa, vassoura, colher de pau, gamela, corda), pelos estilos e pelas técnicas de fabricação, igualam-se aos mesmos tipos de objetos produzidos pelos artesãos brasileiros da área.

Anotamos os seguintes objetos que pertencem ao segundo grupo:

- a) artesanato de madeira: badoque; arco e flecha (com uso exclusivamente cerimonial);
- b) de palha de ouricuri: "capacete";
- c) de caroá: máscara de dança dos Praiás;
- d) de penas: rodela de plumas de peru, que ficam sobre a cabeça da máscara dos Praiás; o penacho, que também integra a mesma veste cerimonial; adornos dos maracás;
- e) de cerâmica: cachimbo.

Além destes produtos artesanais, os Pankararú fabricam diversos instrumentos musicais, tais como: o maracá (de coité); dois diferentes tipos de flauta, entre os quais um fabricado com casco de rabo de tatu; o zabumba; o "pife" (pífaro) e a caixa.

3.11 — Ritos de iniciação

A Festa do Menino do Rancho é evidentemente um ritual de iniciação marcando a passagem de um casal de crianças na faixa de 10 a 12 anos de idade, para um período de suas vidas em que já assumiram perante sua comunidade um compromisso mágico para o matrimônio (1).

Estevão (op. cit.: 163) diz que a festa do menino do rancho "representa a iniciação dos rapazes na comunidade dos "Praiás", no que é seguido por Pinto (op. cit.: 300).

A cerimônia de "batismo indígena" é um rito de passagem das crianças de tenra idade que, através daquele rito, passam a integrar a comunidade dos Pankararú, que naquela oportunidade as recebe.

3.12 — Medicina indígena

As *rezadeiras*, geralmente pessoas de idade avançada, fazem rezas para curar inflamação, nervosismo, ansiedade, reumatismo, torcedura de membros, dor de cabeça, problemas decorrentes da "que-

(1) V. item anterior sobre sistema de casamento.

bra do resguardo" das parturientes, loucura e tantas outras manifestações patológicas, o que mostra sua versatilidade e o poder de suas forças mágicas.

A capacidade de solucionar os sofrimentos dos que a elas recorrem não se restringe ao tratamento de seus males físicos; os apelos a elas também se dirigem no sentido de fazer sanar problemas na natureza envolvente, como por exemplo, incêndios no campo.

Outras mulheres, das quais algumas são também rezadeiras, são especializadas no preparo de "garrafadas" e "xaropes" com o emprego de ervas, destinados ao tratamento dos mais variados quadros patológicos.

O *conselho dos índios* ou *conselho dos velhos* se reúne para evocar os "encantados", a fim de que estes indiquem os tratamentos a serem prescritos em casos especiais, geralmente relacionados com uma sintomatologia psiquiátrica.

O pajé atual, por sua avançada idade, apenas indica os tratamentos a serem feitos, ora recomendando a medicina indígena tradicional, ora a medicina oficial, quando aquela não está surtindo efeito e dependendo do tipo de doença.

3.13 — Mitologia

A mitologia dos Pankararú é um item a ser estudado em um contato mais prolongado com esse grupo indígena. Seus mitos, apenas pressentidos nessa primeira aproximação com o grupo, pareceram ser múltiplos e explicativos do passado e das tradições tribais. Nos mitos estão contidos os heróis dos Pankararú — os encantados —, com seus diferentes nomes e suas linhas de iniciados congregados em "partidos", que integram o complexo *sistema encantado*.

As festas, os diferentes rituais e a medicina indígena são regidos por mitos, que orientam e contêm normas, que explicam e que controlam o universo mágico tribal. Os líderes e *sacerdotes*, conhecedores que são das tradições do grupo, atuam e controlam a esfera mágica da

vida de seus liderados, como instrumentos que são da ação dos "chefes encantados" (1).

A seguir transcrevemos a narrativa de um mito feita por um índio Pankararu, que registramos:

"Origem dos encantados e da cachoeira de Itaparica"

"Dois chefes indígenas foram até o Rio São Francisco levando cada um uma flecha de canabrava. Bateram com as flechas na água e esta abriu, formando a cachoeira de Itaparica. Os chefes se encantaram lá na cachoeira, vivos. Então eles aparecem na hora dos sonhos dos Pankararú".

(1) A explanação contida neste parágrafo tem caráter de hipótese.

4. Conclusão

Interessa-se que os Pankararú até agora têm realizado uma conciliação, em sua sociedade, entre influências sócio-culturais de origens diversas, o que faz emergir na superfície do contexto social as marcas das tradições indígenas lado a lado com as marcas da sociedade inclusiva.

Constata-se que a organização social dos Pankararú recebeu total influência dominante do contexto social mais amplo da sociedade brasileira local, de cunho rural, em que sua reserva se encontra inserida e com a qual mantém íntimos contatos (1). Resquícios da estrutura social indígena do passado talvez se possa detectar entre os Pankararú, porém não na dinâmica de sua sociedade, enquanto constituída de relações e interações entre indivíduos e intergrupais, que se efetivam em uma dimensão não mítica, ou seja, nas atividades concretas na rede das relações pessoa a pessoa, grupo a grupo na sociedade (1). Os resíduos da estrutura tradicional possivelmente se encontram na dimensão mítico-religiosa desses índios. Nessa dimensão eles procuraram se manter fiéis às suas origens, mas, para atingir esse objetivo, elaboraram arranjos ideológicos com o fim de conciliar sua participação em dois mundos culturais distintos.

Sua cultura material tipicamente indígena é pobre, decadente. Porém, sua cultura não material, ainda viva e dinâmica, é o fator psicossocial que assegura a sobrevivência desse grupo indígena com unidade política e congregado no interior de uma reserva indígena.

(1) A economia dos Pankararú se caracteriza por sua indiferenciação em relação à economia da sociedade nacional em sua parcela rural daquela região saofranciscana. A estera econômica foi utilizada pela tribo como um veículo de integração à sociedade nacional.

(2) Cf. Firth, R. in "Elements of Social Organization", Watts & Co., London, 1952.

Bibliografia

- Estevão, C. — "O Ossuário da "Gruta-do-Padre", em Itaparica, e Algumas Notícias sobre Remanescentes Indígenas do Nordeste, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1943.
- Galvão, E. — "Áreas Culturais Indígenas do Brasil, 1900-1959", M. Par. Emílio Goeldi, Antropologia, nº 8, Belém, 1960.
- Lima, O. — "Observações sobre o "Vinho da Jurema" utilizado pelos índios Pankararu de Tacaratu (Pernambuco)", separata dos arquivos do IPA — vol. 4, Recife, 1946.
- Lowie, R. — "The Pankararu", in Handbook of South American Indians, vol. 1, Smithsonian Institution, Washington, 1946.
- Firth, R. — "Elements of Social Organization", Watts & Co., London, 1952.
- Melatti, J. C. — "Índios do Brasil", Coordenada — Editora de Brasília, Brasília, 1972.
- Pinto, E. — "As Máscaras-de-Dança dos Pankararu de Tacaratu (Remanescentes Indígenas dos Sertões de Pernambuco)", in Journal de la Société des Americanistes, nouvelle série — Tomo XLI, Paris, 1952.
- Oliveira, R. C. — "O Índio e o Mundo dos Brancos", in Educação e Ciências Sociais, Vol. 2, Nº 6, Rio de Janeiro, 1957.